

II Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades

04 a 06 de agosto 2014

Universidade Federal do Espírito Santo

GT 04 - Africanidades e Brasilidades em Direitos Humanos e Políticas Públicas

Cascalho, Martinho Campos, Quebra-pé: os nomes enquanto processo histórico e social de urbanização

Jocyare Souza¹

Introdução

Este trabalho apresenta, considerando a perspectiva teórica da Semântica do Acontecimento de Eduardo Guimarães (2005), os efeitos de sentido da nomeação tomada como um fenômeno histórico. Propõe-se, portanto, uma análise dos processos interdiscursivos de trocas culturais, considerando o desenvolvimento constitutivo que marca o espaço de enunciação das designações de nomes que denotam a relação que as comunidades quilombolas de Cascalho, Martinho Campos e Quebra-pé, localizadas em Três Pontas-MG, estabelecem com as novas tecnologias, enfocando o acontecimento enunciativo em sua historicidade. Esperamos, considerando análise morfossintática e funcionamento semântico-enunciativo do corpus – nomes que remetem à ancestralidade africana / nomes que remetem às ferramentas de novas tecnologias - evidenciar qual é a cor da cultura presente hoje nas comunidades quilombolas de Cascalho, Martinho Campos e Quebra-pé. Há, dentro dessa perspectiva, “uma relação da língua com um falante que se apresenta como sujeito político e social da enunciação” (GUIMARÃES, 1995, p. 16). Assim, ao decidir compreender como a circularidade com que nomes que remetem às novas tecnologias/tecnologias tradicionais se dá entre os habitantes dessas

¹ Profa. Doutora do Mestrado em Letras – Linguagem, Cultura e Discurso da Universidade Vale do Rio Verde/UNINCOR - MG; e-mail <jocyol5@hotmail.com>

comunidades quilombolas, procuramos compreender o processo designativo revelado por uma história que buscamos ler e interpretar, não de qualquer lugar, como um simples relato factual, mas como um processo discursivo, cuja interpretação far-se-á a partir da construção do próprio corpus (nomes que designam ferramentas utilizadas pelas novas tecnologias/ tecnologias tradicionais) que traz em sua essência princípios fundamentais: a história que, sendo memória, constitui os sujeitos e as línguas no acontecimento de linguagem; “o saber e o político que se constituem marcas de um tempo em que os nomes se revelam como processo de uma narrativa que é, antes de tudo, uma prática política” (GUIMARÃES, 1992, p. 12) em que a construção do espaço enunciativo se dá pelo confronto de sujeitos, saberes, políticas, identidades, silenciamentos, esquecimentos.

Dessa forma, o projeto de pesquisa, intitulado CASCALHO, MARTINHO CAMPOS, QUEBRA-PÉ: os nomes enquanto relato da influência tecnológica no cotidiano de comunidades quilombolas da cidade de Três Pontas – MG é a continuidade de um trabalho a que nos propomos e que pretende examinar a permanência de línguas africanas assim como a relação dessas com outras línguas de contato em quilombos, “espaços históricos de busca de liberdade do africano escravizado, que hoje se transformaram em comunidades quilombolas” (BRASIL, 2010a, p.03); nesse caso prioritariamente trataremos do contato desses falantes com a linguagem tecnológica.

Além do aspecto linguístico já enfocado, o presente projeto de pesquisa evidencia a importância de estudar a cultura afro-brasileira em atendimento à Lei 10.639/03, que versa sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana e ressalta a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira. A Lei 10.639/03 (CAVALLEIRO, 2005) propõe novas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana; os professores devem ressaltar em sala de aula a cultura afro-brasileira como constituinte e formadora da sociedade brasileira, na qual os negros são considerados como sujeitos históricos, valorizando-se, portanto, o pensamento e as ideias de importantes intelectuais negros brasileiros, a cultura (música, culinária, dança) e as religiões de matrizes africanas (BERNADINO; GALDINO, 2004)

Cascalho, Martinho Campos, Quebra-pé: os nomes revelam a historicidade presente no quilombo

A partir do contato com o dispositivo teórico formulado pela Semântica do Acontecimento, despertamos nosso interesse pelo processo designativo dos nomes comuns/próprios. Entendemos a importância de estudar os processos de designação urbanos e, assim, por meio da formulação de questões sobre as relações sociais urbanas, compreender a questão do nome no processo histórico e social de urbanização. Interessou-nos, particularmente, a questão da inclusão e da exclusão de cidadãos, assim como a distribuição de papéis sociais que se encontra atrelada a uma configuração enunciativa que se dá num espaço de disputa regulado pela palavra. Partimos, pois, do pressuposto de que pensar a nomeação como uma simples forma de classificação é deixar de fora uma série de fatores histórico-sociais que estão presentes na linguagem. Segundo Rancière (1994), um nome não classifica, ele identifica. Um nome, nessa concepção teórica, apresenta-se como um recorte do mundo, de forma a construir o sentido da coisa existente, o que torna a cultura um modo diferente de identificar e recortar a realidade. “Num acontecimento em que um certo nome funciona, a nomeação é recortada como memorável por temporalidades específicas” (Guimarães, 2005, p.27). Não se trata, portanto, de uma relação entre um nome e uma classe de objetos no mundo, mas de um processo histórico de identificação pela construção do sentido que trabalha a constante redivisão do sensível que acompanha o nomear, o referir, o designar.

Dentro dessa perspectiva, propomo-nos a compreender a circularidade com que nomes que remetem às ferramentas de novas tecnologias / tecnologias tradicionais se dá entre os habitantes das comunidades quilombolas de Cascalho, Martinho Campos e Quebra-pé, localizadas em Três Pontas-MG. Procuraremos, assim, por meio de análise dos processos interdiscursivos de trocas culturais, considerando o desenvolvimento constitutivo que marca o espaço de enunciação das designações que denotam a relação que essas comunidades quilombolas estabelecem com as novas tecnologias / tecnologias tradicionais, focar o acontecimento enunciativo em sua historicidade, buscando evidenciar em que

segmentos da comunidade quilombola os nomes africanos se mantêm e em que segmentos os nomes que remetem às ferramentas de novas tecnologias / tecnologias tradicionais são mais identificados.

Nessa relação entre nomes que designam relação com uma ancestralidade africana e nomes que remetem às novas tecnologias / tecnologias tradicionais, procuraremos compreender o efeito da Mídia enquanto detentora de um certo jogo de conhecimento que institui a noção de cultura - o que é “primitivo e ou profano”, o que é “civilizado e ou sagrado”? - nessas comunidades quilombolas, a fim de constatar entre as gerações mais velhas e mais novas os efeitos da indústria cultural que ao definir o que é sagrado/culto busca padronizar o sujeito consumidor. Perguntamo-nos:

a) Nessas comunidades quilombolas há a adesão de ferramentas que remetem às tecnologias tradicionais e às novas tecnologias?

* Se não houver adesão ou essa for relativamente baixa, pensar nas variáveis motivadoras.

b) Se há a adesão dessas ferramentas que remetem às tecnologias tradicionais e às novas tecnologias, é uma adesão compulsória ou consciente das possibilidades de produção de conhecimento que essas ferramentas podem proporcionar?

c) Qual é a relação que as gerações mais velhas (acima de 40 anos) estabelecem com essas ferramentas?

d) Qual é a relação que as gerações mais novas (abaixo de 40 anos) estabelecem com essas ferramentas?

A circularidade com que nomes que remetem às novas tecnologias se dá entre os habitantes das comunidades quilombolas de Cascalho, Martinho Campos e Quebra-pé, localizadas em Três Pontas-MG marca a especificidade que sempre se constitui a partir da “história em que o nome se dá como nome” (Guimarães, 1992, p.16). Partimos, assim, do pressuposto de que designar é fazer significar, é produzir sentido; é considerar que o funcionamento do processo de designação são sentidos produzidos, considerando relações enunciativas e discursivas. Designar é revitalizar a memória, o pré-construído, o já dito em outro lugar que afeta o sujeito da enunciação. Interessa-nos, portanto, entender o que esse processo designativo específico, a que nos propomos analisar, recorta como

memorável, uma vez que consideramos que no funcionamento semântico-enunciativo há uma especificidade no nome que está posto enquanto forma de enunciar as práticas sociais, culturais e políticas dos membros que compõem as comunidades quilombolas de Cascalho, Martinho Campos e Quebra-pé.

Cascalho, Martinho Campos, Quebra-pé: o quilombo enquanto objeto de análise

Ao tratarmos do objeto de análise de que propõe esse projeto de pesquisa – a permanência de línguas africanas assim como a relação dessas com outras línguas de contato em comunidades quilombolas identificadas no sul de Minas Gerais (como já enfatizado, esse projeto de pesquisa objetiva prioritariamente tratar do contato desses falantes com a linguagem tecnológica) – localizamos uma diversidade de sites, alguns credenciados pelo governo de Minas Gerais. A seguir uma mostra de sites encontrados:

a) Mapa interativo apresentando as comunidades quilombolas de MG



Número de Comunidades: 3

Nome da Comunidade

Cascalho

Martinho Campos

Quebra-Pé

Disponível em http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/brasil/mg/mg_mapa_zoom4.html - acesso em 05.11.13

b) Comunidades Quilombolas do Estado de Minas Gerais

. Fragmento da Página Inicial

[...] De acordo com o [Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva - Cedefes](#), existem aproximadamente 400 comunidades quilombolas no Estado de Minas Gerais distribuídas por mais de 155 municípios. As regiões do estado com maior concentração de comunidades quilombolas são a região norte e a nordeste, com destaque nesta última para o Vale do Jequitinhonha. De acordo com dados apresentados pelo Cedefes, a maior parte das comunidades quilombolas do estado apresenta-se em contexto rural. No entanto, Minas Gerais se destaca pela presença significativa de quilombos em áreas urbanas.

A morosidade do governo em proceder a titulação de suas terras foi a principal razão que motivou as comunidades quilombolas a se unir em busca da garantia de seus direitos. No ano de 2004, elas criaram a N'Golo, a Federação das Comunidades Quilombolas do Estado de Minas Gerais.[...]. Disponível em http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/i_brasil_mg.html - acesso em 05.11.2013

c) Apresentação de hipertexto e hiperlinks: interatividade com o navegador.

MENU PRINCIPAL

Entrada do Quilombo

Quem Somos

Tambores do Quilombo

Artigos Quilombolas

Notícias Quilombolas

Livros Quilombolas

Imagens Quilombolas

Vídeos Quilombolas

Parceiros Quilombolas

Marcas Quilombolas

Mapa Quilombola

Fale Conosco

Eventos Quilombolas

Músicas Quilombolas

Loja Virtual

Busca Avançada

Newsletter

Seja um Quilombola! Cadastre-se e receba nossas novidades!

Medalha Santos Dumont - Ouro 2013

Sex, 11 de Outubro de 2013 01:14

O Pesquisador de História Tarcísio José Martins, por indicação do IHGMG, será mais uma vez – pelo seu trabalho em prol da história do negro em Minas Gerais - agraciado pelo Governo desse Estado, agora com a medalha ouro de Santos Dumont – Estão todos os quilombolas e amigos do MGQUILOMBO convidados para o evento - confira a data e o local no "leia mais".

Disponível em <http://www.mgquilombo.com.br/site/> - Acesso em 05.11.13

d) Site Informativo

. Fragmento da Página Inicial

[...] A palavra “Quilombo” ou “Calhambo” é de origem Bantu, e significa acampamento ou fortaleza. O povo Banto se localiza nas regiões sul, sudoeste e sudeste da África. A palavra foi usada pelos portugueses para denominar as povoações construídas por escravos fugidos. O termo também pode ser atribuído à “casa” ou “refúgio”. Durante os períodos colonial e imperial, vários quilombos ou comunidades negras se formaram com a fuga de escravos que se rebelara contra a ordem escravista. Havia diferentes formas de quilombos: desde pequenos grupos itinerantes que viviam de assaltos nas estradas e fazendas até complexas estruturas de vilarejos, como o Quilombo de Palmares no nordeste brasileiro e o quilombo do Ambrósio no centro-oeste mineiro.[...]

Disponível

em

http://www.cedefes.org.br/index.php?p=colunistas_detalhe&id_pro=2 – Acesso em 05.11.2013

Ao interagirmos com esses sites, perguntamo-nos:

a) Quem é esse sujeito quilombola que se enuncia em todos esses sites?

A resposta nos parece ser a de **um sujeito quilombola ideal**, ou seja, aquele que possui letramento digital e se relaciona interativamente com os sites e que é capaz de utilizar as ferramentas relacionadas às novas tecnologias para escrever/ler/compartilhar/divulgar sua história.

b) Quem é o sujeito quilombola que está nas comunidades de Cascalho, Martinho Campos e Quebra-pé?

Hipotetizamos ser o **sujeito quilombola real**, ou seja, aquele que, em quase maioria, desconhece a existência desses sites, apresenta resistência a qualquer tipo de tecnologia ou, influenciado pela mídia, tem acesso a algumas ferramentas, em limitadas funções.

Para Strangelove (1995), em um mundo tecnológico, há de se integrar cada vez mais tecnologias tradicionais e novas tecnologias às práticas de aquisição de conhecimento; é cada vez mais evidente o potencial dessas ferramentas (eBooks, computadores, internet, celulares, câmeras digitais, e-mails, mensagens instantâneas, banda larga, gps, planilhas eletrônicas e uma infinidade

de engenhocas da modernidade) que se bem utilizadas favorecem a exploração dos conteúdos de forma mais interativa. A relação cada vez mais intimista com o texto no formato digital – o hipertexto que, por meio de seus hiperlinks aguça a curiosidade, orienta novos caminhos. "A tecnologia tem um papel importante no desenvolvimento de habilidades para atuar no mundo de hoje", afirma Marcia Padilha Lotito, coordenadora da área de inovação educativa da Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI). Nesse contexto, consideramos imprescindível a disseminação das ferramentas que remetem às tecnologias tradicionais e às novas tecnologias como forma de divulgação da cultura africana, sobretudo presente nas comunidades quilombolas, assim como recurso relevante no processo de letramentos grafocêntricos e letramentos hipermidiáticos dos habitantes dos quilombos de Cascalho, Martinho Campos e Quebra-pé, localizadas em Três Pontas-MG .

Considerações Finais

O presente projeto de pesquisa pauta-se por ser um estudo diacrônico das comunidades quilombolas de Cascalho, Martinho Campos e Quebra-pé, localizadas em Três Pontas – MG, com relevância para a pesquisa quantitativa, uma vez que se estabelecerá análise comparativa que mensurará nomes que remetem à ancestralidade africana / nomes que remetem às ferramentas de novas tecnologias e de tecnologia tradicional; assim como qualitativa, uma vez que, por meio do funcionamento morfossintático e semântico-enunciativo, pretendemos constatar o que os nomes designam, recortam como memorável.

A abordagem às comunidades quilombolas investigadas considerará princípios etnográficos, a coleta de conjunto de dados que comporão o corpus de análise será efetuada por meio de viagens de campo, prioritariamente, para aplicação de questionários e / ou entrevistas aos membros das comunidades, tendo em vista as variáveis idade/nível de escolaridade e abordarão, a princípio, processos de nomeação que remetem ao nome de batismo/aos apelidos (renomeações), às funções sociais ligadas ao trabalho coletivo/ familiar, à cultura (música, culinária, dança), ao culto de religiões de matrizes africanas, às questões

peçoais como saúde/doenças/cuidados com a aparência – produtos utilizados, à toponímia local, ao reconhecimento de ferramentas ligadas à tecnologia tradicional e às novas tecnologias assim como de suas funções básicas, sobretudo aquelas associadas à produção de conhecimento; o levantamento de dados dar-se-á, também, por meio de pesquisa documental, tendo em vista a análise de atas, livro-caixa, ofícios, livro-tombo, procurações, cartas e afins, livros de receita.

O trabalho com o corpus considerará princípios etnológicos, a sistematização e teorização dos dados dar-se-á por meio de análise morfossintática e semântico-enunciativa dos nomes que o constituem. Todo o processo de pesquisa será permeado por pesquisa bibliográfica em literatura específica à temática quilombola assim como por pesquisa à literatura científica que sustentará as análises linguísticas do *corpus*. Ao considerar, além do sistema linguístico (a língua), a discursividade (historicidade da língua), a Semântica do Acontecimento fornece um dispositivo teórico que nos permite analisar o processo designativo que enuncia a circularidade com que nomes que remetem às ferramentas de novas tecnologias/tecnologias tradicionais se dá entre os habitantes das comunidades quilombolas de Cascalho, Martinho Campos e Quebra-pé, localizadas em Três Pontas-MG², em relação aos processos de significação que o constituem, por meio de seus mecanismos de funcionamento. É nesse ponto que podemos convocar os célebres estudos de Eduardo Guimarães (1987) que consideram o nome próprio entrelaçado ao sujeito, à enunciação e à história. Com Guimarães, abrimos novamente os caminhos para considerarmos o que escapa à linguagem, incluindo a dimensão subjetiva e podendo sustentar um estudo dos nomes que contemple tais aspectos. Esperamos, considerando análise morfossintática e funcionamento semântico-enunciativo do *corpus* – nomes que remetem à ancestralidade africana / nomes que remetem às ferramentas de novas tecnologias / tecnologias tradicionais - evidenciar qual é a cor da cultura³ presente hoje nas comunidades quilombolas de

² Três Pontas - MG é cidade vizinha da cidade de Varginha - MG e fica a aproximadamente 60 km de Três Corações, cidade onde está localizado o Campus I da Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR).

³ A cor da cultura – expressão ora tomada como parafrástica – “**A Cor da Cultura** é um projeto educativo de valorização da cultura afro-brasileira que teve seu início em 2004 [...]” disponível em <http://www.acordacultura.org.br/> Acesso em 05.11.2013 – ora como polissêmica. O polissêmico e

Cascalho, Martinho Campos e Quebra-pé: a cultura negra está ali hoje [?], sempre esteve [?], nunca esteve [?]; enquanto comunidades quilombolas, entre seus membros há valores comuns que se sustentam em uma cultura singular como se enuncia nos sites credenciados pelo próprio Governo de Minas Gerais que divulgam o cotidiano quilombola?

As comunidades quilombolas são frutos da desigualdade social, do racismo e do processo de exploração e exclusão da população negra no Brasil. São grupos que vivem tacitamente ou explicitamente o conflito em seus territórios. O direito das comunidades quilombolas em ter uma vida digna está, apenas no papel, não na prática. As comunidades quilombolas vivem, ainda no séc. XXI, uma insegurança alimentar em decorrência da supressão de seu território tradicional. (BRASIL, 2010).

Para Queiroz (2014), é tempo de mudança e de fazer valer o direito das comunidades quilombolas à cidadania plena. Espera-se que com a aplicação da Lei 10.639/03 que propõe novas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana essa realidade possa se alterar.

Mediante constatação de que essas comunidades quilombolas ainda precisam de atendimento, buscaremos, considerando resultados evidenciados na pesquisa que aqui se propõe, abrir perspectivas reais de uma discussão em nível escolar, especificamente da UNINCOR/Três Corações-MG. Discussão que, de fato, favoreça as relações que se verificam entre letramentos escolares grafocêntricos e letramentos hipermidiáticos relacionados tanto ao uso de ferramentas que remetem às novas tecnologias quanto ao uso de tecnologias tradicionais, propondo projeto de extensão interdisciplinar que possa fomentar e estimular a construção de práticas multiletradas; inicialmente, como se objetiva nesse projeto de pesquisa, nas comunidades quilombolas de Cascalho, Martinho Campo e Quebra-pé e, posteriormente, podendo se estender para demais comunidades quilombolas rurais/urbanas localizadas no sul de Minas Gerais.

Esperamos, então, que o presente projeto de pesquisa possa resultar em um trabalho que possibilite a essas comunidades a legitimação de valores que desenvolvam, de fato, o senso de pertinência social/cultural.

o parafrástico, conceitos trabalhados por Orlandi(1980); parafrástico porque sempre retoma sentidos outros (não se constitui discurso fundador) e polissêmico porque ao retomar o já dito, estabelecemos o novo: é outro discurso, outros sentidos afetados histórica e ideologicamente.

Referências

BERNADINO, J.; GALDINO, D. (Org.). **Levando a raça a sério: ação afirmativa e universidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Guia de cadastramento de famílias quilombolas**. 2ª ed. Brasília: MDS, 2010.

_____. PROGRAMA BRASIL QUILOMBOLA. **Comunidades Quilombolas Brasileiras. Regularização Fundiária e Políticas Públicas**. Presidência da República/Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial/Subsecretaria de Políticas para Comunidades Tradicionais. 2010a.

CAVALLEIRO, E. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal 10.639/03**. Brasília: Coleção Educação para Todos, 2005.

GUIMARÃES, E. **Texto e Argumentação**. 3ª ed. Campinas: Pontes, 1987.

_____. **Terra de Vera Cruz, Brasil**. Rio de Janeiro: Cultura Vozes – 4, 1992.

_____. **Os Limites do Sentido**. Campinas: Pontes, 1995.

_____. **Semântica do Acontecimento**. 2ª Edição. Ed.Pontes, 2005.

QUEIROZ, D.M. **O ensino superior no Brasil e as ações afirmativas para negros**. *Universidade & Sociedade*, Brasília, DF, v. 12, n. 29, 2003.

RANCIÈRE, J. **Os Nomes da História**. Campinas, Pontes/ Educ., 1994.

STRANGELOVE, M. **As muralhas estão caindo**. Rio de Janeiro: Internet World, 1995.
